



CLASSIFICAÇÕES EMERGENTES: ASSEXUALIDADE, ATIVISMOS E MÍDIAS DIGITAIS

Palavras-Chave: ASSEXUALIDADE; CLASSIFICAÇÕES; REDES SOCIAIS

Autores(as):

JÚLIA MANZATTO, IFCH-UNICAMP

Prof^a Dra. REGINA FACCHINI (orientadora), IFCH-UNICAMP

Me. INÁCIO DOS SANTOS SALDANHA (coorientador), IFCH-UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Considerando o contexto atual de emergência de novos tipos de ativismos com a utilização das redes sociais, a assexualidade aparece como uma das diversas orientações sexuais em pauta nos debates sobre a comunidade LGBTQIA+, sendo marcada pela utilização das redes sociais como principal instrumento de articulação social e política. No entanto, foi apenas recentemente incluída na sigla do movimento, ainda com controvérsias a respeito de seu reconhecimento como parte da comunidade LGBTQIA+. Definida no Novo Manifesto Assexual (2020), documento construído pela comunidade de pessoas *assexuais* em 2020, como *orientação sexual* em que “o indivíduo rara, condicionalmente ou nunca experiencia *atração sexual*”, a assexualidade é entendida pela comunidade como um termo “guarda-chuva”, de forma a englobar diferentes classificações que se encaixam na definição geral, porém com especificidades, com novas categorias correlatas produzidas, assim como novas categorias relacionadas ao que se entende por *sexo*, *atração* e *desejo*.

A partir disso, considerando seu contexto relacionado à internet, o **objetivo** da pesquisa é analisar os processos envolvidos na criação e multiplicação das categorias de classificação relativas à assexualidade, considerando as redes, trocas e fluxos entre indivíduos ou grupos pertencentes ou não à comunidade assexual. Nesse sentido, a proposta é verificar as **hipóteses**: a internet atua como um potencializador na criação das classificações devido à ampliação comunicativa promovida pela rapidez na transmissão de informações no espaço online e a criação das classificações deriva da necessidade de desvincular a assexualidade de discursos patologizantes e da necessidade de legitimação e reconhecimento da categoria na sociedade.

METODOLOGIA:

A abordagem metodológica é qualitativa; trata-se de etnografia que articula revisão de literatura, observação online e entrevistas semiestruturadas. A observação online foi feita majoritariamente nas

plataformas X (antigo Twitter), Reddit, Tumblr, Instagram, Tiktok e Facebook, além de sites relevantes no que diz respeito à comunidade assexual, como AVEN (Asexual Visibility and Education Network), maior comunidade assexual online do mundo, sites de coletivos como LGBTQ+spacey, ABRACE e Comunidade Assexual, visto que a maior fonte de dados sobre a assexualidade reside na internet. Já as entrevistas individuais foram realizadas com cinco pessoas assexuais, três delas com participação em atividades de ativismo político envolvendo a assexualidade e duas delas sem qualquer tipo de participação política. Dessa forma, foi possível aprofundar o material produzido a partir da observação online a partir dos relatos das pessoas entrevistadas.

DISCUSSÃO:

As redes sociais apresentam uma estrutura própria voltada para a comunicação entre os indivíduos, permitindo a criação de uma personagem não necessariamente idêntica ao usuário real, bem como a exposição pública de suas informações e preferências pessoais (Recuero, 2009), assim, criadas num contexto de expansão da Internet vinculada a aparelhos eletrônicos (computador e celular), as redes sociais fomentam novas estruturas sociais em que a relação entre atores e suas conexões perpassam pela ressignificação de comunidades e identidades. Através de páginas de interesses em comum ou de perfis individuais, o ciberespaço aparece como um novo meio de expressão pessoal (Recuero, 2019).

É nesse contexto que pessoas assexuais encontram uma possibilidade de maior articulação, redes sociais e plataformas como blogs e fóruns de discussão online foram um importante instrumento para estabelecer conexões entre esses indivíduos, por meio de grupos e comunidades virtuais, que em muitos relatos publicados nesses espaços expressavam a sensação de isolamento do mundo devido à divergências no modo de entender e de se relacionar com sexo, atração sexual e desejo sexual. A criação da AVEN (Asexual Visibility and Education Network) em 2001, um site cujo objetivo inicial era desmistificar estereótipos sobre o que seria “assexual” e auxiliar pessoas no processo de entenderem como assexuais, foi essencial para fomentar a criação de outras comunidades até mesmo em redes de outros países, como demonstrado na pesquisa realizada por Elisabete Regina Baptista de Oliveira, publicada em 2015, em que comunidades de pessoas assexuais já existiam na plataforma Orkut no ano de 2005, apenas 4 anos após o surgimento da AVEN, e, também, por vezes derivadas desta.

Duas das pessoas as quais entrevistei para essa pesquisa relataram que se envolveram com a assexualidade por meio desses grupos do Orkut e, também, de um fórum “Comunidade Assexual” no site Forumeiros durante esse período dos anos 2010, porém, apesar de terem tido contato com comunidades brasileiras, a AVEN foi a “porta de entrada” para a assexualidade, sendo este um relato compartilhado não só por essas pessoas, mas por outros em publicações daquele período, sendo muito comum a ideia de necessidade de existir mais discussões sobre assexualidade em comunidades brasileiras devido à barreira linguística e às diferenças de interpretações sobre os sentidos de assexualidade, que, segundo alguns relatos de discussões no fórum “Comunidade Assexual” datados

de 2011, acabavam por generalizar as diferentes experiências de pessoas assexuais ao utilizar apenas uma única definição para um único termo, no caso, “assexual” como sendo pessoas que não sentem nenhum tipo de atração sexual sob nenhuma circunstância. Muitos afirmavam que a experiência assexual era diversa e, por isso, seria necessário novas categorias que englobasse as diferenças desse “espectro”, assim, as identidades da “área cinza” (pessoas assexuais que sentem ou podem vir a sentir atração sexual) foram pensadas.

Imagem 1 - Bandeira Assexual



Fonte: LGBTQ+spacey, 2025.

Imagem 3 - Mais antigo fórum brasileiro de pessoas assexuais ainda em atividade, 2025



Fonte: <https://assexualidade.forumeiros.com/c1-comunidade-assexual> - captura de tela, 2025.

Dessa forma, enquanto diferentes grupos de pessoas assexuais surgiam em plataformas de Internet ao redor do mundo, apesar de haver divergências, a AVEN assumiu o papel de interligar essas comunidades, possibilitando a comunicação entre diferentes países, a criação de coletivos políticos e até mesmo fomentando a criação de um acervo para pesquisas produzidas por pessoas assexuais sobre a assexualidade. Hoje, apesar de a AVEN ter ainda um papel relevante quanto à articulação política da comunidade, outras plataformas têm se mostrado relevantes quanto a difusão da assexualidade como uma identidade LGBTQIA+, sendo estas Instagram, Tiktok e X (antigo Twitter), especialmente no que diz respeito à comunidade assexual brasileira, já que os principais coletivos

assexuais do Brasil, sendo ABRACE e Aroaceiros, têm como principal meio de comunicação essas plataformas.

No entanto, mesmo com essa grande articulação entre indivíduos assexuais a partir de diferentes redes sociais, cada plataforma apresentou uma dinâmica de interações específicas ao seu funcionamento e objetivo, por exemplo, no Twitter, apesar de haver uma grande comunidade brasileira de pessoas assexuais, há muitas discussões envolvendo perfis individuais que não necessariamente fazem parte da comunidade. Enquanto no Instagram, a plataforma ganhou relevância a partir do ano de 2018 no que diz respeito à criação de perfis voltados ao ciberativismo da comunidade assexual, com um sistema de funcionamento da plataforma de lives e os carrosséis de postagens, o Instagram funcionou como um meio simples de divulgação e conscientização sobre a assexualidade por esses perfis, além disso, possibilitou contato com coletivos assexuais, contudo, as principais páginas brasileiras sobre a assexualidade no Instagram não apresentam mais a mesma frequência de postagem tal como no período de 2018 a 2023, anos em que devido a pandemia de covid-19, a atividade online aumentou consideravelmente.

Essas diferenças nas dinâmicas entre plataformas se refletem ao analisar as categorias do espectro assexual que foram surgindo: apenas no Twitter/X foi possível observar o uso de uma grande variedade de identidades assexuais com suas próprias bandeiras, por exemplo, aegossexual, aceflux, litossexual, cupiossexual, etc., enquanto nas outras plataformas o que prevalecia eram as identidades “básicas” do espectro (assexual, assexual estrito, demissexual, grayssexual), Além disso, muitas vezes discussões sobre esse crescimento de identidades dentro do espectro revelavam divergências entre as próprias pessoas assexuais sobre a criação de muitas classificações diferentes dentro do espectro, com argumentos contrários afirmando que a grande diversificação poderia ser um impeditivo para a articulação política de pessoas assexuais, já que pode gerar confusão e ser motivo de chacota por outros movimentos políticos.

CONCLUSÕES:

Inicialmente é possível afirmar que a internet foi essencial para que pessoas assexuais pudessem se articular e reivindicar seu espaço de luta dentro do movimento LGBTQIA+ e, apesar das divergências tanto no modo em como cada plataforma é utilizada para compor essas dinâmicas de interações quanto em questões mais específicas dentro da comunidade, o movimento assexual é um exemplo prático, com resultados relevantes, do ciberativismo, a nova forma de se fazer política que vêm ganhando relevância nas dinâmicas sociais atualmente. No entanto, sua constituição majoritariamente por meio da Internet não é possível explicar totalmente as inúmeras identidades e classificações, não só referentes ao espectro sexual, mas a outras categorias do movimento LGBTQIA+, que surgem em debates no meio virtual. As redes sociais amplificam os processos de trocas, devido ao grande número de informações e de indivíduos interagindo com rapidez, porém há outros fatores que podem

influenciar essas dinâmicas, no caso da assexualidade, se no início o objetivo das diferenciações de identidades era inclusão e fortalecimento do coletivo, com a desmistificação do espectro, hoje, muitas das novas classificações, especificamente no contexto brasileiro, podem ter uma base mais subjetiva e individualista, por exemplo, como uma consequência da diminuição da atividade coletiva impulsionada por grupos de ativismo assexual atrelado a um esgotamento relacionado ao não reconhecimento da assexualidade como uma identidade válida por alguns setores da sociedade.

BIBLIOGRAFIA:

Comunidade Assexual - Dicionário. Disponível em: <https://www.assexualidade.com.br/p/dicionario.html>. Acesso em: 06 maio. 2024

JAY, D. The Asexual Visibility and Education Network | asexuality.org. Disponível em: <https://www.asexuality.org/>. Acesso em: 11 abr. 2024

Manifesto Assexual. 2020. Disponível em: <https://manifesto-ace.carrd.co/#>. Acesso em: 8 maio. 2024.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. "Minha vida de ameba": os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.48.2015.tde-11052015-102351. Acesso em: 09 de abril de 2024.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.